



- ARTIGOS LIVRES
- DOSSIÊ: EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
- PAUTAS INSUBMISSAS: ENTREVISTA E ENSAIOS

Revista Debates Insubmissos



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Grupo de Pesquisa Movimentos
Sociais, Educação e Diversidade
na América Latina



Observatório
dos Movimentos Sociais na América Latina



PPGEDUC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA



UFPE

REVISTA DEBATES INSUBMISSOS

ANO III – V.3, Nº 10 - Maio, Junho, Julho, Agosto de 2020 – ISSN 2595-2803

É uma publicação quadrimestral editada pelo Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As ideias e opiniões contidas em artigos assinados ou entrevistas nesta publicação são de responsabilidade de seus(as) autores(as), não refletindo, necessariamente, o pensamento epistemológico e político deste Grupo de Pesquisa ou de seus Editores.

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista Debates Insubmissos / Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, Universidade Federal de Pernambuco. – Vol. 1, n.1 (abr. 2018). – Caruaru : Universidade Federal de Pernambuco, Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, 2018 .

Quadrimestral

ISSN 2595-2803

1. Movimentos Sociais – Periódicos. 2. Educação e Diversidade – Periódicos. I. Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.

CDD (23.ed) 303

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
GRUPO DE PESQUISA MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa

Carol Virgínia Góis Leandro

Diretor do Centro Acadêmico do Agreste

Manoel Guedes Alcoforado Neto

Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Allene Carvalho Lage

Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Mário de Faria Carvalho

Editores

Allene Carvalho Lage, Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses

Conselho Editorial Nacional

Adriano de León (UFPB); Alexandra Lima (UERJ); Ana Elisa de Castro Freitas (UFPA); Anderson Ferrari (UFJF); André Ferreira (UFPE); Benedito Medrado (UFPE); Caetano de Carli (UFRPE); Cássio Eduardo Viana Hissa (UFMG); Conceição Clarete Xavier Travalha (UFMG); Danilo Streck (UNISINOS); Debora Cristina Rezende de Almeida (UnB); Ernani Rodrigues de Carvalho Neto (UFPE); Everaldo Fernandes (UFPE); Fernando Guilherme Tenório (FGV); Gildemarks Costa e Silva (UFPE); Inês Virgínia Prado Soares (Unicamp); Jader Ferreira Leite (UFRN); Jaqueline Barbosa (UFPE); Jefferson de Souza Bernardes (UFAL); Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (UFPE); Júlia Figueredo Benzaquen (UFRPE); Lemuel Guerra (UFCG); Lourenço da Conceição Cardoso (UNILAB); Luis Távora Furtado Ribeiro (UFC); Luiz Augusto Passos (UFMG); Márcia Nina Bernardes (PUC/RJ); Márcio Caetano (FURG); Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG); Marcos Antonio Ferreira do Nascimento (FIOCRUZ); Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL); Maria do Carmo Gonçalves Santos (UFPE); Maria Lúcia Lima (UFPA); Maria Luiza Alencar (UFPB); Mario de Faria Carvalho (UFPE); Mary Ferreira (UFMA); Miriam de Fátima Chagas (MPF/RS); Mônica Franch (UFPB); Nélio Vieira de Melo (UFPE); Orlandil de Lima Moreira (UFPB); Oscar Rover (UFSC); Rebecca Abers (UnB); Regina Facchini (UNICAMP); Telmo Adams (UNISINOS); Thiago Aparecido Trindade (UnB); Thula Rafaela de Oliveira Pires (PUC/RJ); Virgínia Leal (UFPE).

Conselho Editorial Internacional

Ana Maria Simões Azevedo Brandão (UMinho - ICS, Portugal); Bruno Sena Martins (CES-UC, Portugal); Eugénie Eyeang de Libreville (ENS, Gabão); Eurídice Monteiro (UCV, Cabo Verde); Evangelina Bonifácio (ESEB- IPB, Portugal); Fatima Viegas (UAN, Angola); Fernando Lopez Parra (IAEN, Equador); Fodé Abulai Mané (FDB, Guiné-Bissau); Hector Fabio Ospina (UM, Colômbia); Inés Fernandez Moujan (UNRN, Argentina); Isabel Casimiro (UEM, Moçambique); José Antonio Frías (US, Espanha); José Maria Hernandez (US, Espanha); José Tranier (UNR, Argentina); Michel Maffesoli (UPD, França); Odair Barros Varela (UCV, Cabo Verde); Osvaldo Moreira (UNI – Paraguai); Pauline Mendes (INEP, Guiné-Bissau); Zélia Anastácio (UMinho, Portugal).

Redação

Andrezza Rodrigues Nogueira (UMinho, Portugal); Elizabeth Maria da Silva (SE-PE); Émerson Silva Santos (UFCG); Ericka Omena Erickson (Estados Unidos); Érika Patrícia Barbosa de Lima (UFPE); Fabian Cevallos Vivar (CES-UC, Portugal); Filipe Antonio Ferreira da Silva (UFPE); Maisa dos Santos Farias (OMSAL-UFPE); Marciano Antonio da Silva (UFPE); Márcio Rubens de Oliveira (UFPE); Paloma Almeida (UFPE); Roberta Rayza Silva de Mendonça (UFPE); Sérgio Antônio Rêgo (UMinho, Portugal); Ubiratan Silva do Egito Lira (UFPE).

Tradução e/ou Revisão dos Resumos

Ítalo Luis Maximiano da Silva e Veríssimo Ferreira da Silva

Projeto Gráfico

Ubiratan Egito

Capa

Mosaico de tecidos africanos

EDITORIAL

EDITORIAL

Que 7 de setembro pífio!

Comemorar o dia da Independência do Brasil é algo simbólico, no sentido de reforçar a ideia de soberania do país e do povo brasileiro; o que nesse atual governo é algo muito contestável. E a comemoração de 2020 não foi pífia só por conta da pandemia do COVID 2019. O pronunciamento oficial do Presidente da República musicado por painéis de Norte à Sul do Brasil foi um completo desastre em 3 minutos de mediocridade, contradição, mentira e até acusação de plágio.

No pronunciamento ele apresenta uma rasa retrospectiva dos últimos 198 anos fazendo referências sobre a miscigenação do povo brasileiro, Deus, e as diversas religiões e crenças que coexistem no Brasil (não pacificamente), omitindo as violências históricas e a cultura de intolerância religiosa decorrentes da herança de colonialidade impregnada na sociedade brasileira, além é claro, do temor ao retorno do comunismo, que nunca existiu no Brasil. Falou também de liberdade ao mesmo tempo em que valorizou a ditadura dos anos de chumbo. Não sendo suficiente essa exaltação desconectada da realidade, o discurso Bolsonaro ainda foi acusado de plágio de um trecho de Roberto Marinho, quando escreveu um editorial para justificar o apoio do grupo Globo ao regime militar, ao afirmar que o golpe de 1964 foi uma resposta contra a “radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada”¹.

Apesar de tudo isso, o que ficou mais marcado no discurso de Bolsonaro foi o que ele não disse, o que ficou ausente, o impronunciável: a COVID 19 no Brasil, os mais 4.000.000 de infectados e os quase 130.000 mortos. A expressão desse silêncio irresponsável, ao mesmo tempo

¹ <https://www.brasil247.com/midia/bolsonaro-plagiou-roberto-marinho-ao-falar-do-golpe-de-1964-em-seu-discurso-de-7-de-setembro>.

reafirmando o total descaso com este cenário, o Presidente da República ainda saiu em desfile no Rolls-Royce presidencial, cheio de crianças e todos sem máscaras. Escárnio!

O contraponto desse cenário trágico foram dois fatos importantes que ocorreram também no dia 7 de setembro à revelia das comemorações oficiais: o 26º Grito dos Excluídos e o pronunciamento do ex-presidente Luís Inácio Lula.

O Grito dos Excluídos é um conjunto de manifestações organizadas por vários coletivos e movimentos sociais populares que ocorrem anualmente no Brasil, desde 1995 apesar da mídia não mostrar, ao longo da Semana da Pátria, que culminam com o 7 de setembro. Esse ano o tema foi: Vida em primeiro lugar. Basta de miséria, preconceito e repressão! Queremos TRABALHO, TERRA, TETO e PARTICIPAÇÃO, colocando na pauta as questões centrais que o Brasil atravessa. Esta ação, ocorreu em várias capitais e municípios dos estados brasileiros e confirmou a tradição de luta e poder popular.

O segundo fato, foi o pronunciamento contundente de 27 minutos do ex-presidente Lula nas redes sociais. Num tom realístico e crítico, inicia sua fala mencionando os 130 mil mortos e quatro milhões de pessoas contaminadas, a crise sanitária, social, econômica e ambiental que o Brasil está passando. Fez ainda duras críticas ao sucateamento do SUS e valorizou as trabalhadoras e trabalhadores do sistema de saúde.

Criticou o modo como centenas de militares da ativa e da reserva foram transferidos para a administração federal, fazendo lembrar os tempos sombrios da ditadura. E afirmou que “Soberania significa independência, autonomia, liberdade. O contrário disso é dependência, servidão, submissão”. Nesse sentido fez referências ao desrespeito à Amazônia e a organização social dos povos indígenas. Mencionou o desejo do atual governo em vender a preço vil o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e o BNDES, assim como a política predatória para o setor energético, referindo-se ainda à venda das reservas do Pré-Sal.

No pronunciamento também venceu a “demolição das universidades, da educação e o desmonte das instituições de apoio à ciência e à tecnologia, promovidos pelo governo, são

ameaça real e concreta à nossa soberania”. Depois dessas e de outras críticas falou da “reconstrução do Brasil como Nação independente, com instituições democráticas, sem privilégios oligárquicos e autoritários. Um verdadeiro Estado Democrático e de Direito, com fundamento na soberania popular”. Referiu-se ao exercício do voto, livre de manipulações e *fake news*. E retomou a necessidade dos vários princípios democráticos, finalizando com a ideia de um contrato social democrático, apresentando desse modo também um projeto de país.

Que 7 de setembro!

Perceber que as expressões democráticas estão vivas nos anima a olhar a esperança social como uma força que pode mudar o rumo do Brasil. Estamos vivos, mesmo imersos em discursos de ódio, de ignorâncias e violências cotidianas. Dentro desse contexto, este número da Revista Debates Insubmissos é também o nosso Grito de 7 de setembro.

Assim, esse número está organizado nas três seções da revista. A Seção Artigos Livres está composta por três artigos. O primeiro discute sobre os prejulgamentos referente as expressões bolivarianista ou chavista no âmbito das organizações. O segundo sobre a relação neoliberalismo, prisões e encarceramento em massas na América Latina, particularmente no Brasil e, o terceiro sobre as relações políticas observadas internamente no território do Zero, em Cuiabá onde co-existem grupos organizados de mulheres cisgênero e travestis. Na Seção Dossiê, foram reunidos cinco artigos sobre a educação das relações étnico-raciais. Nesse âmbito, artigos discutem o diálogo intercultural, o livro didático na EJA, a contribuição dos grupos de pesquisa, mulheres afrodescendentes no Panamá e o enfrentamento do racismo patriarcal e da intolerância religiosa. E na Sessão Pautas Insubmissas, temos uma entrevista sobre a reforma do ensino médio, um ensaio sobre a última música gravada por Bob Dylan, um ensaio sobre as vozes das águas fecundantes do imaginário, nos mitos dos fluidos caminhos das águas e uma resenha sobre o livro escrito por Joaquim Ramos, “Gênero na Educação Infantil: relações (im)possíveis para professores homens” (2017).

Na **Seção Artigos Livres** contamos com três artigos científicos. O primeiro artigo dessa seção, de Fernando G. Tenório, Professor colaborador de várias universidades do Brasil e do Equador e Fernando L. Parra, Reitor da Universidad Andina Simón Bolívar (Equador)

denominado “**Bolivarianismo**” ou “**Chavismo**”, eis a questão? Prolegômenos, partem da ideia do prejulgamento, ainda que sem fundamento, do que se denomina de bolivarianista ou chavista. Apesar disso, os autores que afirmam que mesmo correndo o risco de serem alcunhados por meio de alguma expressão pejorativa, assumem a posição de ser necessário nos estudos organizacionais, refletir sobre proposições e práticas descolonizadoras.

O segundo artigo dessa Seção de Siddharth Singh Bora da Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES), Buenos Aires e Zelia Monteiro Bora (UFPB), com o título de *Understanding Neoliberalism Through Racial Discrimination: An approach to the Mass Incarceration problem in Brazilian Prison System*, analisa como o neoliberalismo apoia indiretamente as taxas de prisão nas economias da América Latina, particularmente no Brasil. Nesse sentido, os/as autores/as afirmam que a precariedade da prisão é uma consequência direta de políticas e ideologias que aprisionam cada vez mais indivíduo, mantendo um fluxo constante de prisões e um estado caótico de encarceramento em massa.

O terceiro e último artigo dessa Seção de Haydeé Tainá Schuster e Moisés Lopes (ambos da UFMT), nomeado de **Interfaces entre os Agenciamentos Micropolíticos das Travestis na Baixada Cuiabana**, objetiva apresentar as relações políticas observadas internamente no Zero - um território conhecido em Cuiabá pela extensão espacial e pela organização que mulheres cisgênero e travestis -, suas relações com as políticas públicas oferecidas pelo Estado, inclusive com a saúde pública e as ressignificações que elas fazem a partir destes encontros. Segundo os autores/as esses agenciamentos são possíveis de reflexão ao nível interno, de relações entre as travestis e o Estado, quanto ao agenciamento da própria construção do corpo e do gênero.

Na **Seção Dossiê**, este número reúne artigos que debatem o tema **Educação das Relações Étnico-Raciais**, organizado pela Professora Doutora Michelle Guerreiro Ferreira (SEP e UFPE) e pelo Professor Doutor Janssen Filipe da Silva (UFPE). O primeiro artigo de Sawana Araújo Lopes de Souza (UFPB), Angela Ninfa Mendes de Andrade Cabral (UFPB) e Angélica de Cássia Gomes Marcelino (UFPB) denomina-se **O diálogo intercultural e a educação das relações étnico-raciais na formação de professores: um espaço democrático na educação**.

O segundo artigo de Karla de Oliveira Santos (UEAL) tem por título **Problematizando as relações étnico-raciais no livro didático da educação de jovens e adultos a partir da lei nº 10.639/2003**. O terceiro artigo dos pesquisadores Luiz Augusto Sousa do Nascimento e Hemerson Moura (ambos do IFMA) designa-se **Grupos de pesquisa como “espaços de ação possível”**: a experiência do laboratório de estudos de populações tradicionais e educação (LEPTE - IFMA) no enfrentamento ao racismo. O quarto artigo de Verónica Ileana Hidalgo Villarreal (Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz -PE), Nyasha Warren (Universidad Tecnológica de Panamá) e Lina Lay Mendivil (Universidad Tecnológica de Panamá) tem por nome *Panorama de la situación de las mujeres afrodescendiente en las ciencias: El Caso de Panamá*. E o último artigo do dossiê de Michele Guerreiro Ferreira (SEEP e UFPE), Camila Ferreira da Silva (UFPE) e Eunice Pereira da Silva (UFPE) tem por denominação **O enfrentamento do racismo patriarcal e da intolerância religiosa no contexto educacional: reflexões desde o pensamento decolonial e do feminismo negro**.

8

Finalizando, temos a **Seção Pautas Insubmissas**, onde reunimos uma entrevista, dois ensaios e uma resenha. Nessa direção, a doutora em Educação Profissional Adriana Aparecida de Souza (PPGEP-IFRN) entrevista o **Professor Doutor Dante Henrique Moura (PPGEP-IFRN) sobre a reforma do ensino médio e suas implicações no processo formativo dos filhos e filhas da classe trabalhadora**. Em seguida o carioca Larry Favre traz um ensaio que reflete sobre a última música gravada por Bob Dylan, denominada “Murder Most Foul” (O Assassinato Mais Imundo, em tradução livre), uma canção de quase 17 minutos, que segundo o autor, faz referências a filmes, canções, momentos históricos e feridas abertas na sociedade americana pelo assassinato do Presidente John Kennedy, em 1963.

Por fim, o ensaio que Claudio Baptista Carle (UFPEL) nos traz as **Vozes Indiretas: Imaginário Afrocentrado das Águas dos Ocupantes da Região de Pelotas – RS**, reflete sobre as vozes das águas, que são quebradas pelas insistências na negação das mesmas. Segundo o autor, a linguagem poética no mundo da interação dos/as humanos/as com as águas, no Sul do Brasil, transita pelas premissas fecundantes do imaginário, nos mitos dos fluidos caminhos das águas, que constituem essa região.

Que outros setembros nos tragam novos momentos de democracia e cidadania e assim o Brasil possa retomar seus percursos de avanços sociais, econômicos, políticos e ambientais. Que possamos acabar com o exacerbado ódio social e romper com os preconceitos de raça, gênero, religião, classe social e os diversos estereótipos que causam sofrimento nas pessoas. Que possamos reconquistar tudo o que foi desconstruído, vilipendiado, suprimido.

Chico Buarque tem razão, “amanhã há de ser outro dia”.

7 de setembro de 2020.

Allene Lage